

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

AS METODOLOGIAS DE ENSINO E A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

EDSON SALES DO NASCIMENTO

CAMPINAS

1991

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Biblioteca - F. E. F.

em trabalho que explora
estes realizados durante o curso
e se aprofunda em bibliografia
bem escolhida. De boa qualidade.

B

TCC/UNICAMP
N17m



1290002332

ÍNDICE

ÍNDICE.....Pág. 02

APRESENTAÇÃO.....Pág. 03

ABORDAGEM EMPIRISTA.....Pág. 04

ABORDAGEM INATISTAPág. 11

ABORDAGEM CONSTRUTIVISTAPág. 19

CONCLUSÃO.....Pág 27

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....Pág. 29

APRESENTAÇÃO

Comumente temos visto que a Educação Física e os profissionais que atuam dentro dela, tem-se detido mais em ser profundos conhecedores de técnicas de trabalhos físicos do que em buscar um modelo de educador preocupado com a metodologia (que não deve ser confundida com recursos, estratégias etc.) do ensino da Educação Física enquanto noção e conceito de corporeidade.

O presente trabalho surgiu de uma reflexão realizada na Disciplina Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Especialização em Educação Física Escolar oferecido por esta Universidade e que me estimulou mais e melhor sobre a importância da questão metodológica para a atuação do educador.

A partir das leituras realizadas e observações em sala de aula, cada uma das metodologias estudadas foi ganhando corpo e se justificando no cotidiano da vida escolar. Certamente nenhuma das teorias estudadas surgiu do nada, senão das experiências daqueles que as defendem. Certamente, também, elas não se esgotam em si mesmas mas, apontam para uma constante reavaliação dos sujeitos e dos objetos que as compõem.

Na feitura deste trabalho não houve preocupação de situar cronologicamente uma etapa do desenvolvimento do aluno. A preocupação foi, basicamente, o contato teórico com algumas abordagens metodológicas.

ABORDAGEM EMPÍRICA

Sua fundamentação está baseada na prática educativa , transmitida através dos anos, e que inclui tendências e manifestações diversificadas. Como esta prática tem persistido ao longo do tempo, tem oferecido um quadro referencial para outras abordagens que se tem sistematizado na área da educação. São vários os autores que representam esta tendência e que se caracteriza por algumas das idéias a seguir expostas.

O ensino tradicional é o verdadeiro. Conduz o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade em todos os campos do conhecimento: artes, ciências, literatura etc.. Enfatiza os modelos e destaca o especialista e o professor como o elemento imprescindível na transmissão do conteúdo. A compreensão fundamental é:

- o adulto é um ser acabado, conclusivo;
- a criança é um adulto em miniatura;
- o ensino está centrado no professor;
- o currículo envolve-se com o que é externo ao aluno: Programas, Disciplinas, Professor;
- o aluno é executor de propostas autoritárias externas;
- o papel do professor é conseguir que o aluno adquira o conhecimento independente dele ter ou não ter interesse pelo mesmo.

Os conceitos que, via de regra, permeiam todas as tendências pedagógicas são visualizados de maneira muito difusa nesta corrente.

O homem, por exemplo, é um ser passivo, que não tem chance de escolher quais as informações mais importantes e úteis que vai adquirir e que, quando se sente repleto delas,

repete-as aos outros que ainda NÃO as possuem. No mercado profissional, o acúmulo de informação é sinônimo de eficiência na profissão. A imagem mais clara é a da tábula rasa, onde o indivíduo não traz nada internamente e onde se oferece como espaço para a impressão das informações externas que os outros lhe oferecem.

O contato com o mundo real é transmitido ao ser humano pelo processo de educação formal (além da Escola, Igrejas, família etc.). O conceito de mundo é sempre externo e a posse que o indivíduo vai desenvolvendo sobre ele depende sempre do domínio que passa a demonstrar sobre o desenvolvimento científico e tecnológico e as diversas teorias de pensamento e laboradas.

Um ensino com os elementos básicos assim entendidos, pressupõe tipos de culturas e sociedades variadas. O fundamental é que visa a produção de pessoas eficientes que consigam cada vez maior controle sobre a natureza. Tudo, portanto, passa a ser definido pela determinação dos níveis de sociedade e cultura a que cada grupo se propõe: programas escolares, exames, provas. Estes elementos fornecem a constatação do mínimo exigido para cada aluno em cada série, por exemplo. Neste sentido, o papel do diploma, enquanto hierarquizador do conhecimento adquirido passa a ter valor fundamental.

Tal visão aponta para a idéia de que as experiências das gerações adultas são indispensáveis às gerações mais novas e que as tendências educacionais assim representadas são individualistas, não apontando para trabalhos de cooperação, de coletivização de esforços.

O conhecimento supõe uma inteligência capaz de acumular e armazenar informações e não de realizar o processo de elaboração do conhecimento. A atividade do indivíduo é incorporar a informação já elaborada e para isto, ela é organizada

da forma mais simples para a mais complexa. Os alunos recebem, assim, apenas os resultados do processo para serem armazenados e nunca a oportunidade de realizar a caminhada cognitiva.

A educação formal através da instituição escolar tem papel fundamental nesta tendência e o aluno tem papel insignificante na elaboração e aquisição do conhecimento. As habilidades mais necessárias são a memorização, os enunciados de leis, as sínteses e os resumos.

Para a maioria dos autores que fazem parte desta tendência, a educação é entendida como instrução, feita na escola e cuja finalidade é a transmissão de conhecimentos. Durkheim, inclusive, reivindica a existência dos "modelos" como elementos indispensáveis para a consecução deste processo. Nem todos os outros pensam isto mas acreditam que a existência de modelos auxilia o desabrochar da educação na vida do indivíduo. Assim, a educação é um produto, daí a ausência de ênfase no processo.

A escola, enquanto instituição, tem papel fundamental nesta proposta porque é lá, na sala de aula, que se realiza a sistematização do saber acumulado.

Na escola o ambiente físico deve ser austero para que a criança não se distraia e o professor deve manter-se distante do aluno a fim de que o ato de aprender se torne mais cerimonioso.

O professor é o mediador entre o aluno e os modelos formais que não valem em si mesmos mas que auxiliam na formação do educando e fazem com que a escola faça parte da vida real. No geral, no entanto, a escola, segundo Snyders, torna-se utilitarista quanto aos resultados e programas estabelecidos. A verticalidade da ação do professor sobre o aluno reduz as possibilidades de cooperação entre os alunos e atribui à escola a função sócio-cultural de continuidade das idéias vi-

gentes na sociedade, sem rupturas e sem crises.

Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, "a ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são 'instruídos' e 'ensinados' pelo professor. Comumente, pois, subordina-se a educação à instrução, considerando a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo: os conteúdos e as informações tem que ser adquiridos, os modelos imitados". (MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. E.P.U. São Paulo. 1986. Pág. 13).

Há grandes problemas a serem considerados com respeito a este item nesta tendência: o isolamento da instituição escolar, por exemplo, da realidade da vida concreta que a cerca, o artificialismo dos programas que não facilitam as transferências de aprendizagens, a homogeneização dos métodos didáticos que não consideram as diferenças individuais dos alunos, a preocupação exacerbada com a quantidade de noções, conceitos e informações e não com a formação do pensamento reflexivo.

A grande característica desta corrente é o verbalismo do professor e a memorização do aluno, o que suscita neste a formação de reações estereotipadas, de automatismos, de hábitos só aplicáveis a situações já conhecidas (isto é, sem o que se chama transferência de aprendizagem).

No que se refere às questões das relações professor-aluno, o que de mais significativo deve ser dito, além daquilo que já o foi, é que, como o professor é o detentor do saber e o comandante do processo de ensino, ao aluno cabe apenas o papel de permanecer afetiva e intelectualmente dependente do mestre. Ele, o professor, é, assumidamente, o mediador entre cada aluno e os modelos culturais, mantendo, pois, uma relação vertical com os alunos e servindo ao sistema ideológico escolar na medida em que passa adiante, tanto programas e conteúdos quanto os objetivos de uma escola que não corres -

ponde às necessidades do real da sociedade. Até mesmo os meios de expressão dos alunos são controlados pelo professor, e isto define, desde os exercícios aplicados em sala de aula até o tipo de exames e provas, onde o cobrado é, exatamente, a repetição daquilo que foi ministrado pelo mestre.

Este professor, portanto, representante de uma ideologia já configurada, aplica, na sua metodologia de sala de aula os recursos estáticos considerados mais eficazes: aula expositiva e transmissão do conhecimento, transformando a sala de aula num grande auditório.

Os elementos da vida emocional e afetiva são, via de regra, suprimidos, pois atrapalham a proposta da sala de aula. O professor é o agente. O aluno é o ouvinte. A motivação para o trabalho é extrínseca e sempre dependerá das características pessoais do professor. Um bom exemplo desta situação é o trabalho docente realizado pelos professores dos Cursinhos Pré-Vestibulares.

A grande dificuldade para todo e qualquer professor é sempre a questão do atendimento individualizado dos alunos. Tornam, portanto, a sala de aula um 'campo neutro', onde as pessoas estão colocadas numa perspectiva de generalidade. Esta visão facilita tal proposta metodológica que, em verdade, busca um produto final claro: um aluno capaz de assimilar o que foi ensinado e com habilidade memorativa para desenvolver no nível da repetição o que foi ensinado. Fundamentalmente temos: exercícios de repetição, de aplicação e de recapitulação.

A avaliação, como não poderia deixar de ser, visa a reprodução daquilo que foi ensinado em sala de aula. É medida, pois, a quantidade e exatidão de informações que o aluno é capaz de devolver ao professor. O exame tem um fim em si mesmo e as notas demonstram os níveis de aquisição do patrimônio -

cultural que a própria escola se propôs a transmitir.

Considerando a fundamentação teórica desta teoria apresentada, analisaremos, agora, uma modalidade esportiva à luz dos pressupostos trabalhados até aqui. Tomaremos como exemplo uma aula de basquete.

Os alunos formados em dois grupos correm do fundo da quadra até o outro, ao comando do professor. Em seguida, fazem o mesmo percurso, só que ao soar do apito, realizam uma parada com o tronco inclinado para a frente e os joelhos semi flexionados.

Momento seguinte, caminham de um lado ao outro da quadra jogando a bola para o alto sem quicar no chão. Logo após, fazem o mesmo percurso só que em deslocamento. Outra variação é ir de um lado para o outro da quadra passando a bola na cintura sem deixá-la cair.

Os alunos parados em fileiras, com abertura de pernas, tentam segurar a bola entre as pernas, uma vez na frente e outra atrás, sem deixá-la cair. O comando do professor fará com que os alunos quiquem a bola no chão com a mão direita, sem deslocamento. Em seguida, fazem o mesmo exercício anterior com a mão esquerda, prosseguindo em deslocamento uma vez com uma mão, outra vez com a outra mão.

O professor dará todas as orientações para os alunos: levantar a cabeça, quicar a bola mais perto do corpo e assim sucessivamente. Em seguida, os alunos formam duas colunas e, dando dois passos, arremessam a bola na tabela, uma vez pelo lado direito, outra vez pelo lado esquerdo.

Ao final da aula o professor realiza um jogo de basquete com os alunos onde estes podem executar os conhecimentos recebidos do professor, referentemente ao basquete, não como algo construído por eles mesmos, fruto de seu trabalho.

Como podemos notar, o professor é o agente principal no processo ensino-aprendizagem. O aluno só executa, ficando à margem do processo. Nesta abordagem, não há possibilidade de troca de aprendizagens entre professor e aluno. O conhecimento é algo imposto de fora para dentro e o agente principal é o professor, cujo papel é este mesmo.

ABORDAGEM INATISTA

A abordagem inatista não conduz, necessariamente, à compreensão de nativismos ou apriorismos puros mas de certa forma é interacionista, na análise do desenvolvimento humano e do conhecimento.

Os grandes representantes desta teoria são Carl Rogers e A.S. Neill. Enquanto Neill propõe uma educação espontaneísta (sem interações externas), Rogers representa a psicologia humanista, onde a idéia de que o ensino deva ser centrado no aluno, fundamenta-se na sua teoria sobre personalidade e conduta.

Suas grandes linhas de pensamento são:

- ênfase nas relações interpessoais;
- ênfase no crescimento procedente destas relações;
- centralização no desenvolvimento da personalidade do indivíduo em seus processos de construção e organização pessoal e da realidade;
- reforço na capacidade do indivíduo de atuar como pessoa integrada ao processo;
- destaque para a vida psicológica e emocional do indivíduo e para a sua organização interna, reforçando o auto-conceito a partir de uma visão autêntica de si mesma que se orienta para a realidade individual e grupal;
- o professor não transmite conteúdos e sim dá assistência; é um facilitador da aprendizagem;
- o conteúdo, provém da experiência dos alunos;
- a atividade surge naturalmente como resultado da interação do indivíduo com o meio;

- o conteúdo da educação consiste na reconstrução que o aluno faz das suas próprias experiências;
- o professor não ensina; apenas cria condições para a aprendizagem.

Sobre os conceitos básicos que fazem das grandes abordagens pedagógicas, o inatismo tem a dizer o seguinte: o homem é um ser situado no mundo. É único, tanto na sua vida interior, quanto em suas percepções e avaliações do mundo. A própria pessoa é um processo de descoberta de si mesma.

O conhecimento é fruto de experiência pessoal e subjetiva do indivíduo e através deste processo que a epistemologia se constrói. Não há modelos ou regras mas a compreensão de que o ser humano é um constante vir-a-ser. O que o homem almeja é a auto-realização e o uso pleno de suas potencialidades e capacidades. Como é inacabado, inconcluso, goza de liberdade, se põe como um projeto em possibilidade.

Rogers tem se destacado muito na sistematização teórica destas idéias. Diz ele em muitas de suas obras: o homem é uma totalidade independente, diferente, autônoma, com sentimentos cujo papel é fundamental para seu próprio crescimento. O ser humano possui uma natural capacidade para desenvolver-se, autodirigir-se, reajustar-se e estas potencialidades têm que ser consideradas no presente e não depois, quando "for capaz de!".

O pressuposto básico da teoria rogeriana supõe: interação entre as pessoas e a crença antropológica que cada pessoa deve desenvolver para que seu próprio crescimento aconteça.

Apesar de toda a ênfase dada nesta abordagem ao sujeito, é impossível pensar o homem descontextualizado do mundo.

A realidade é um fenômeno subjetivo, na medida em que o ser humano refaz dentro de si o mundo externo do qual faz

parte, a partir de sua percepção da realidade, dos estímulos que recebe e das experiências de que participa.

A consciência autônoma e interna que o homem possui permite-lhe a concepção de mundo onde o homem é seu grande articulador e onde ele acaba por realizar sua história.

É através do mundo (realidade) que o ser humano organiza, que o próprio projeto humano ganha temporalidade. E, então, o mundo é o responsável por criar as condições necessárias para a expressão humana, cujo objetivo vital é o desenvolvimento de seu próprio potencial. Só que vale ressaltar que cada indivíduo vai perceber, de forma diferenciada, o mundo. A ênfase é no sujeito e as condições externas são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. É da experiência do homem no mundo que a realidade vai se organizando e adquirindo significado.

Nesta abordagem, a questão da sociedade e da cultura não tem importância preponderante. Para ela, a autoridade que se torna necessária aos indivíduos, é proveniente da interação interpessoal qualitativa que as pessoas definem entre si e é isto que as realiza mais e melhor. No plano de fundo desta teoria, a idéia é que os indivíduos assumam a responsabilidade das decisões pessoais, não sendo manipulados e nem controlados, a fim de poderem ser mais felizes, não tão preocupados com o consumo, com o ter e sim com a questão do SER.

O processo de vir-a-ser da pessoa humana é o grande responsável pela construção do conhecimento. Rogers, por exemplo, tem dúvidas sobre a existência da realidade objetiva ; neste sentido, nenhum indivíduo a conhece realmente bem, pois o que ele conhece é apenas o que é percebido por ele. Por isto é que o sujeito é o grande responsável pela criação do conhecimento. Experiência é conhecimento. E como

tal tem sua dinamicidade própria, pois o homem tem uma curiosidade natural para o conhecimento.

Nesta linha de pensamento, a educação assume um significado muito amplo. Está superada a visão de educação formal via instituição de ensino e o conceito de educação centra-se na pessoa. É o próprio estudante que é responsável pela sua própria educação. Educar, nesta abordagem, não é passar informações e sim criar condições externas e internas (situações materiais e emocionais) facilitadoras da aprendizagem. O objetivo é que os indivíduos tornem-se pessoas com iniciativa, responsabilidade, autodeterminação, discernimento, capaz de realizar transferências de aprendizagens e ter adaptabilidade às novas situações-problema postas constantemente.

Todas as atitudes que contribuirão para o crescimento pessoal, interpessoal e intergrupar são consideradas educativas.

Os motivos da aprendizagem emergem de dentro do próprio aluno. O que é mais importante é o sujeito, a partir dele, sua unicidade e dignidade. Tal situação conduz o aluno a uma autonomia o que supõe, igualmente, indivíduos que de sejam crescimento, atualização e mudança, ou seja, um processo buscado, desejado, nunca imposto. Esta experiência não acontece sem um processo de autodescoberta e de autodeterminação.

O fundamental, para ser retido como conceito de educação, portanto, nesta abordagem, é que ela é um processo envolvente no qual o sujeito ocupa posição primordial. Ao mesmo tempo, tem consciência de que a sociedade atual cada vez mais impede a auto-realização dos indivíduos e dificulta o processo educativo.

Quanto à concepção de escola decorrente deste posicio-

namento, claro, implica: respeita à criança tal como ela é, oferece condições para que se desenvolva num processo de vir-a-ser permanente e possibilita a autonomia do indivíduo.

Considerando a própria natureza desta concepção, em que está pressuposto o desejo da autonomia escolar e a não pressão sobre a criança, fica evidente que tal experiência não pode ser realizada em escolas comuns.

A conclusão a que os estudiosos tem chegado nesta abordagem é que, a experiência de A.S. Neill na Inglaterra é utopia em demasia para atingir os grandes contingentes de estudantes; Rogers, outro representante desta linha, tem, em algumas situações escolares, conseguido penetrar nas situações, sem, no entanto, firmar-se com a força necessária.

O processo ensino-aprendizagem pressupõe um ensino centrado na pessoa (sujeito) e isto implica técnicas de dirigir que não sejam diretivas (isto é, que conduzam as pessoas à sua própria experiência e não imponham sobre ela experiências externas).

Para que haja aprendizagem são necessários alguns pré-requisitos: potencialidade para aprender, capacidade do organismo para valorização do que o cerca, significado do que vai aprender, resistência, abertura à experiências novas, auto avaliação, criatividade, auto-confiança, independência, autonomia.

Rogers, grande representante desta abordagem, sistematiza seu pensamento em alguns princípios que, (Mizukami, op. cit. Pág. 49) sistematiza assim:

- Todo aluno tem potencialidade para aprender e tendência a realizar essa potencialidade;
- Todo aluno possui capacidade orgânica de valora

ção.

- Todo aluno manifesta resistência à aprendizagem significativa, então se realiza sua potencialidade para aprender.
- Se é pequena a resistência do aluno à aprendizagem significativa, então ele realiza sua potencialidade para aprender.
- O aluno, ao realizar sua potencialidade para aprender, torna-se aberto à experiência, e reciprocamente.
- A auto-avaliação é função da capacidade orgânica de valoração.
- A criatividade é função da auto-avaliação.
- A auto-confiança é função da auto-avaliação.
- A independência é função da auto-avaliação.

Assim, tudo o que é significativo para os objetivos do aluno tende a realizar sua potencialidade para aprender e, caso surja a possibilidade de mudança do Eu, ocorre o atemorizamento e, portanto, a resistência. Ou seja: toda aprendizagem significativa é ameaçadora. Só será possível a aprendizagem se o aluno tiver pequena resistência às experiências novas. Rogers chega a dizer, em sua obra, que ninguém pode ensinar ninguém a ensinar; o sujeito somente aprende aquilo que o interessa significativamente. Por isto precisa autodirigir e auto-apropriar-se da aprendizagem. Isto é mais possível quando o indivíduo abre mão de suas atitudes defensivas e tenta compreender como o outro sente a sua própria experiência e, ao mesmo tempo, assume suas incertezas enquanto parte do processo constantemente mutável de busca de suas condições para a aprendizagem.

Na relação professor-aluno, para esta abordagem mais personalista, o professor é considerado como um ser humano único que aprendeu a dar conta efetivamente do seu jeito próprio de realizar a sua aprendizagem e, por causa disso, é impossível ensinar estratégias de ensino. Cada um vai desenvol

ver seu modo próprio de organizar a relação. A habilidade, portanto, exigida do professor, nesta abordagem, é a competência de conhecer-se a si mesmo e de auxiliar os alunos a se conhecerem a si mesmos. Se algum trabalho de "treinamento" pode ser feito com os professores, é o de ajudá-lo a desenvolver o seu "eu" pessoal, auxiliando-o na percepção de si próprio e dos outros. O professor é o facilitador da aprendizagem e deve aceitar o aluno da forma como ele é. Esta postura, por parte do professor, facilita o relacionamento com o aluno e favorece a autenticidade e a coerência da relação.

As estratégias metodológicas e os recursos de ensino são de importância menor na abordagem em questão, pois elas são externas e a perspectiva está centrada no indivíduo, cuja motivação é interior. O que é enfatizado é a relação pedagógica, o clima favorável para a relação pedagógica que propicie o desenvolvimento das pessoas. O fundamental, metodologicamente, é respeitar o outro (aluno), no seu ritmo e nos seus interesses. Não há a defesa da supressão dos conteúdos. No entanto, eles devem ser significativos para o aluno.

A questão da avaliação é desconsiderada nesta abordagem cujos principais representantes são Rogers e Neill. Rogers, por exemplo, defende a auto-avaliação, considerando que o "como" e o "que" as pessoas aprendem dependem delas mesmas e do auto-conhecimento que tenham sobre si mesmas.

Ao aluno compete definir as melhores formas de sua aprendizagem, portanto, não podem ser definidas externamente, pelo professor.

A partir destas idéias agora estudadas e seguindo a mesma preocupação com o exemplo da aula de basquete, vejamos de que maneira esta atividade pode se desencadear.

Tomando como base o fato de que o aluno é o centro do

processo e que seu crescimento procede das interrelações que ele estabelece com os outros e com o meio, o papel do professor é o de facilitador da aprendizagem, não lhe sendo exigido, portanto, que transmita conteúdos pois os mesmos advêm da experiência interna dos alunos.

Nos fundamentos teóricos desta abordagem acima apresentados, onde A.S. Neill e Carl Rogers são colocados como principais representantes, e considerando que a experiência de Summerhill foi bastante restrita na sua praticidade e abrangência quantitativa em relação aos elementos fundantes da teoria rogeriana, optamos por centralizar o estudo nas idéias apresentadas por Rogers, cuja posição não se apresenta tão radical quanto a de Neill.

Assim, o professor colocará à disposição dos alunos o material necessário para a aula: bolas de basquete, arcos, giz, roupa adequada, naturalmente, tudo, no espaço físico adequado, ou seja, quadra com tabelas.

Como o aluno é um ser situado no tempo e no espaço e ao mesmo tempo traz consigo características inatas que o diferenciam e determinam suas escolhas, o professor estará atento às manifestações de interesse suscitadas nos alunos a partir dos estímulos apresentados.

Segundo esta abordagem, nem todos se envolverão com esta atividade, pois ela não corresponderá, necessariamente, aos interesses e motivações de todos eles. Rogers, porém, em sua visão, não é terminal, pois assegura que tanto os estímulos externos (bolas, arcos, quadra etc.), quanto os internos (condições emocionais, interesse pela criança etc.), podem ser constantemente acionados com vistas a despertar no aluno o processo de aprendizagem.

ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

A teoria cognitivista ou construtivista investiga, fundamentalmente, os processos centrais que envolvem o homem . Isto é: como é que se organiza o conhecimento, de que forma se processam as informações, quais são os estilos cognitivos. A base, na verdade, é a epistemologia.

A aprendizagem é mais do que produto do ambiente do qual as pessoas participam. A ênfase está nos processos cognitivos e na investigação científica separada dos problemas sociais contemporâneos. As próprias emoções influem na articulação do conhecimento. A grande ênfase está na capacidade que o aluno demonstra de integrar informações e processá-las. Claro, o pressuposto é o interacionismo. Piaget e Bruner são considerados os grandes teóricos desta abordagem.

Como a proposta é interacionista, não é possível falar do homem e do mundo separadamente.

O ser humano desenvolve-se por fases que se sucedem até atingirem estágios da inteligência caracterizados por maior mobilidade e estabilidade. O indivíduo é um sistema aberto, em constante reestruturação, na busca de um estágio final nunca, na verdade atingido.

O desenvolvimento do ser humano, então, acontece, quando o indivíduo e o meio passam pelo processo progressivo de adaptação (assimilação para Piaget) versus acomodação, superando assim novas ou mais complexas estruturas mentais.

O ser humano modifica o meio na medida que, o dominando, coloca-o, cada vez mais, a seu serviço.

simulação de um novo esquema mental, é uma nova ultrapassagem que implica a aquisição de um novo conceito.

Desta forma, as principais atividades seriam: jogos de pensamentos para os corpos e os sentidos, jogos de pensamentos lógicos, teatro, excursões, jogos de faz-de-conta, ler, escrever, ciência, artes, ofícios.

A questão do ensino-aprendizagem envolve as possibilidades de novas indagações, como toda a sua epistemologia genética. O ensino, para Piaget tem formas diversas, pois variam as maneiras como os indivíduos assimilam as aprendizagens. A base fundamental é o ensaio e o erro, a pesquisa, a investigação, a solução dos problemas por parte dos alunos e jamais a aprendizagem de fórmulas, nomenclaturas, definições. A verdadeira aprendizagem acontecerá quando a inteligência estiver em plena operacionalização. O ensino, então, deverá estar baseado na proposição de problemas, de projetos, sendo assim substituído pela idéia de ensinar relações e não conteúdos formalizados.

Ao professor cabe criar situações, condições propiciatórias para a reciprocidade intelectual e a cooperação ao mesmo tempo moral e racional. Espera-se que evite a rotina, a fixação de respostas e de hábitos. Deve propor problemas aos alunos, sem dar-lhes as soluções. Sua função é criar desequilíbrios, fazer desafios, orientar o aluno e conceder a ele autocontrole e autonomia. É necessário que assuma o papel de investigador, pesquisador, orientador, coordenador, observando o comportamento dos alunos, conversando, perguntando, sendo interrogado por eles, criando, portanto, um clima de profunda interação, propício ao desenvolvimento da aprendizagem. Ao aluno cabe um papel ativo e suas atividades básicas são: observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar.

Não existe uma matodologia piagetiana, no sentido construtivista do termo. Existe, isto sim, uma teoria do conhecimento do desenvolvimento humano que implica numa revisão das formas de en-

Os estágios mais primitivos vão sendo progressivamente superados e isto permite a ele enfrentar as dificuldades do meio , usando, tanto a descoberta quanto a invenção, como formas de adaptação às suas necessidades.

Assim, o indivíduo tem um grau de desenvolvimento motor , verbal e mental e seu desenvolvimento será tão maior quanto maior operacionalidade ele alcançar. É impossível dizer que algum indivíduo não tem algum grau de operatividade, seja motora, verbal ou mental.

Ao reinventar o mundo, reinventando seu próprio universo, a criança desenvolve sua inteligência. No entanto, a atividade humana gravita entre dois polos fundamentais: a inteligência e a afetividade. Ambas estão entrelaçadas e os autores que defendem a proposta construtivista as consideram interdependentes.

No que se refere à importância da sociedade e da cultura , da mesma forma como o intelectual e o afetivo contribuem para a evolução genética do ser, assim o desenvolvimento social precisa caminhar no rumo do processo que auxilia o indivíduo a desenvolver seu senso democrático a partir de deliberações comuns e de responsabilidades assumidas coletivamente.

A importância dos fatos sociais demonstra o nível de estruturação lógica dos indivíduos. Por isto é que as regras, normas, valores de cada grupo variam entre si.

À semelhança da estrutura social que supera as formas anárquicas por formas mais elaboradas de convivência, o ser humano, igualmente, no seu desenvolvimento ontogênico, caracteriza-se por fases de anomia, heteronomia, até atingir o estado de autonomia. Dessa forma, o conceito de liberdade passa pela participação na elaboração de regras comuns ao grupo.

No que diz respeito à individualidade, o ser humano tem que ser capaz de, com equilíbrio, conviver com a anomia e com a heteronomia, numa constante busca da autonomia.

Assumir uma postura democrática, portanto, significa supe-

rar o egocentrismo básico do homem, sem que com isso se acredite que o conhecimento, a realidade, a sociedade ou o homem sejam situações estáticas.

Piaget, principal dos epistemólogos genéticos, diz que o conhecimento é uma construção contínua que se realiza mediante a superposição das estruturas mentais que vão se superpondo na vida do indivíduo. Dessa forma, o conhecimento não emerge, nem do sujeito que se propõe a conhecer, nem de objetos constituídos que a ele se impõem. Nasce, isto sim, da interação que se produz entre ambos, partindo do pressuposto fundamental de suas diferenças.

A grande importância da epistemologia genética é, exatamente o fato de que seu objetivo não é conhecer o sujeito ou o objeto a ser conhecido mas as etapas diferentes que se sucedem no processo do conhecimento. É o como acontece e não o que acontece que interessa.

O ser humano, ao realizar o conhecimento, apresenta-o como algo ativo, dinâmico e para Piaget, a primeira fase é a da cópia, repetição e a segunda a da compreensão das relações e suas combinações produtivas. As estruturas do conhecimento correspondem a um processo de constante equilibração sucessiva e progressiva, considerando-se que, nesta concepção, nada é aprendido de realmente novo; todo o conhecimento adquirido (assimilado, na linguagem de Piaget) o é sendo anexado a um esquema anterior (isto é: a uma outra aprendizagem já realizada). O equilíbrio vem, exatamente, de uma estrutura que se harmoniza à outra produzindo o que Piaget denomina de acomodação, fenômeno este que será sucedido por novas estruturas que serão assimiladas e assim sucessivamente. Este é o caráter ativo do conhecimento que depende, fundamentalmente, da criação do novo dentro do processo de conhecimento. O novo não é novo em si mesmo mas novo em relação ao esquema mental já existente que produz as novas estruturas mentais.

A teoria do conhecimento de Piaget baseia-se na biologia; há, para ele, uma estreita relação entre o conhecimento das estrutu-

ras genéticas do mundo e as estruturas genéticas do homem. Este paralelismo possibilita a lógica do conhecimento e seus correspondentes processos de formação. Assim, as relações entre sujeito e objeto são relações epistêmicas e por isto o conhecimento está em constante evolução.

No que se refere à educação, o construtivismo diz que o papel desta é, exatamente, criar situações desequilibradoras (claro que ao nível do desenvolvimento em que o educando está), a fim de que seja possível a construção progressiva das noções e operações em cada etapa de seu desenvolvimento. Impossível dissociar o intelectual e o moral na tarefa educativa. No entanto, deve ficar claro que o objetivo da educação não é transmitir verdades mas auxiliar o aluno para que aprenda, por si próprio, a conquistar suas verdades demonstrando, assim, autonomia intelectual, fruto do desenvolvimento de sua personalidade e através de seu instrumental lógico-racional.

A educação se torna fundamental para o ser humano na medida em que o auxilia a formar suas estruturas mentais e força a socialização criando condições que auxiliam na superação do autoritarismo dos adultos na determinação do comportamento dos alunos.

Conceber a educação desta maneira implica provocar nos alunos uma busca constante de novas soluções, criar condições que conduzam à exploração permanente e estimular novas formas de compreensão da realidade.

A primeira tarefa da escola deveria ser ensinar a criança a observar. Com isto a auxiliaria a aprender por si própria, a fazer investigações individuais, isto é, a lidar com a sua própria capacidade de aprender.

Um trabalho escolar na linha construtivista, portanto, pressupõe, pois, trabalho em grupo e uma diretividade que trabalha no nível do interesse pela tarefa. É necessário, então, criar situações onde se operacionalizem os conceitos e a criança se esforce no sentido de uma reequilibração. Cada reequilibração, isto é, as

sinar e aprender. O fundamental para Piaget é o como o aluno lida com a apreensão do real e como ela realiza a incorporação deste apreendido aos esquemas anteriores que já possui. Assim, recursos audio-visuais, instrumentos técnicos etc. deixam de ser fundamentais para a questão da aprendizagem. O máximo a que se pode chegar em termos de recursos metodológicos significa a formulação de horários flexíveis que respeitem o ritmo de cada aluno, assim como a sua capacidade de assimilação do conhecimento, sem com isso desrespeitar a atividade grupal.

Fica evidente, pois, que a avaliação tradicional não pode se aplicar a esta abordagem de trabalho. Assim, há que criar-se situações emergentes dos próprios pressupostos da teoria que permitam verificar se os alunos adquiriram as noções desejadas. O que é fundamental entender, pois, é que os desempenhos padronizados não estão previstos nesta teoria e que, muito menos, as formas tradicionais de medida/avaliação podem ser empregadas.

No construtivismo, a experiência da modalidade do basquete assume características bastante diferenciadas e significativas.

O conhecimento sobre o aprender a jogar basquete será algo a ser construído pelo aluno e professor. Uma das grandes vantagens desta teoria é oferecer ao aluno a oportunidade de ser agente participante do processo, ao lado do professor e dos demais colegas.

Exemplo: em uma aula de basquete os alunos estão dispersos na quadra. Ao sinal do professor, todos devem formar duplas. Em seguida, vários arcos são dispostos no chão. O professor anuncia aos alunos que podem utilizar os arcos da forma como o desejarem. Sugerem saltar com a perna direita dentro do arco; posteriormente com a perna esquerda. Continuando na perspectiva de construir as regras do jogo, surge a idéia da brincadeira do pega-ajuda (brincadeira em que um aluno pega o outro).

Para um contato inicial com a bola o professor colocará as bolas à disposição dos alunos e problematizará qual a maneira

mais fácil de quicar a bola: jogador parado, jogador em deslocamento, bola quicada mais ou menos perto do corpo, bola batida a baixo ou acima do tórax etc.. Partindo destas atividades, o professor possibilitará que os alunos realizem movimentos à vontade, em deslocamentos para qualquer direção.

Iniciando o jogo, os alunos o desenvolverão de acordo com o que foi decidido anteriormente a partir das possibilidades oferecidas ao grupo. Assim, na realização do jogo em si, o professor estará criando situações em que os alunos poderão se organizar para a formação das equipes.

Em seguida é discutido com os alunos de que maneira podemos estar realizando o jogo de forma que todos possam estar participando efetivamente do mesmo. Assim, o professor estará dando início à experiência de construir um novo conhecimento resultante da discussão do grupo sobre esta modalidade esportiva.

As regras serão construídas a partir da necessidade do grupo; portanto, as regras tradicionais serão alteradas em função de uma necessidade nova. Ficou decidido que: o andar com a bola no jogo é permitido, assim como a realização de mais de cinco faltas deverá ocasionar a troca de companheiros com a equipe adversária, além de outros detalhes que alteraram as regras tradicionais do basquete mas que atenderam às necessidades do grupo.

Como podemos notar nesta proposta, o conhecimento é algo a ser construído através da interação do professor e do aluno, fazendo com que surja uma nova maneira de praticar o basquete ou qualquer outra modalidade esportiva. O conhecimento sobre o basquete passa a ser algo novo, à medida que sua prática foi discutida no grupo.

Ao longo de toda a caminhada das aulas, nesta linha construtivista, ao discutir tais questões, a cada momento que surjam, o professor estará contribuindo para a formulação do conhecimento novo, isto é, aquele desejável e necessário ao grupo porque determinado pelas suas circunstâncias pessoais, e não se propondo a

transmitir um conteúdo externo, estático, proveniente de fora da realidade do aluno.

CONCLUSÃO

De todas as teorias estudadas, a construtivista adquire uma ênfase especial em função de sua resposta mais efetiva às necessidades da vida escolar. No entanto, as demais teorias estudadas não estão ausentes do cotidiano da escola, o que suscita duas sérias reflexões: a primeira, de que grande maioria dos profissionais, não só da Educação Física mas das demais áreas do conhecimento, não conhece bem os fundamentos das abordagens metodológicas em que se baseiam as teorias estudadas. Segundo que, exatamente por não as conhecerem, apresentam uma prática educativa entrelaçada de atividades cujos fundantes são diferentes e que, portanto, não trazem consigo a coerência necessária a um trabalho que ofereça continuidade lógica.

Ocorre que, em virtude da funcionalidade da estrutura escolar e ainda, por diversas razões, inclusive de ordem pessoal no que se refere aos profissionais que atuam em cada Unidade Escolar, a dificuldade de integrar a ação educativa dos professores entre si se torna cada vez maior. Naturalmente, numa sociedade capitalista, onde o ser humano é mero objeto de preocupação produtiva, o aluno enquanto tal e sua formação integral assume um caráter social (não necessariamente pedagógico) secundário. A questão, então é remetida para uma perspectiva mais ampla da estrutura da sociedade e que merece estudos mais aprofundados.

A teoria construtivista apresenta-se como a mais respondente às necessidades da pedagogia moderna porque trabalha com alguns elementos que são básicos na compreensão de mundo do homem

moderno.

A primeira noção é a de construção, isto é: o conhecimento é algo que pode ser construído e toda a construção traz consigo a idéia de participação de pessoas e circunstâncias que a configuram.

Como o conhecimento pode ser construído ele pressupõe a ação humana como pano de fundo para sua realização. Quer dizer: o homem é um ser , flexível, ágil, mutável, inacabado. Por isto ele é uma constante possibilidade.

Como é um processo interativo, torna-se mais rico porque induz à troca e à diversificação de posturas.

Fundamentalmente, o construtivismo é, de todas as teorias estudadas, a mais esperançosa porque aponta para a relação do sujeito que conhece e do objeto que é passível de conhecimento como algo constantemente aberto, possível, com perspectivas abertas para o futuro. Não tem caráter de terminalidade temporal. Ao contrário funda-se numa noção de tempo e de espaço que ultrapassa a própria dimensão do cotidiano na medida em que supõe o homem, centro deste construir, um ser permanentemente inacabado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, João Batista. De corpo e alma. O discurso da motricidade. São Paulo. Edit. Summus. 1991.
- _____. Educação de corpo inteiro. São Paulo. Edit. Scipione. 1989.
- FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. R. Janeiro. Edit. Paz e Terra. 6a. ed. 1988
- FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Edit. Paz e Terra. 17a. ed. 1987
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo. E.P.U. 1986.
- NEILL, Alexander Sutherland. Liberdade sem medo. São Paulo. Edit. IBRASA. 16a. ed. 1976.
- ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. São Paulo. Edit. Martins Fontes. 1978.
- PALMARINI, Massimo Piatelli (org.). Teorias da linguagem e teorias da aprendizagem. São Paulo. Edit. Cultrix e Edit. da Universidade de São Paulo. 1983.